

## AÇÃO, PROTAGONISMO E MOVIMENTO SOCIAL NA IGREJA ESPÍRITO SANTO DO CERRADO

*Ana Paula Tavares Miranda<sup>(\*)</sup>*

### **Resumo**

O trabalho objetiva expandir o campo de discussões acerca da Igreja Espírito Santo do Cerrado, para além do seu projeto arquitetônico, tratando seu processo de construção como um movimento social. Para tanto, o trabalho pretende relacionar a obra de Lina Bo Bardi no contexto político e social dos anos de 1970 e 1980 no Brasil, ao mesmo tempo utilizando-se de conceitos filosóficos, principalmente, que dizem respeito ao protagonismo da população no processo de construção da igreja.

**Palavras-chave:** Igreja Espírito Santo do Cerrado. Movimento Social. Lina Bo Bardi. Hannah Arendt. Arquitetura Moderna.

### **Abstract**

The work aims at expanding the discussion about the building of the Church “Espírito Santo do Cerrado”, in addition to the discussion based only in its architectural qualities and considering its construction process a social movement. In order to carry out such purpose, the work attempts to connect the church, designed by Lina Bo Bardi, to the political and social context in the years of 1970 and 1980 in Brazil, in the same time, by using philosophical concepts concerning the leading role of the community in the building process.

**Keywords:** Igreja Espírito Santo do Cerrado. Social Movement. Lina Bo Bardi. Hannah Arendt. Modern Architecture.

---

<sup>(\*)</sup> Mestre em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo pelo Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, campus São Carlos - IAU/USP (2014). Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia – FAUeD/UFU (2010). O artigo em questão foi elaborado durante o curso de mestrado, e é parte da monografia de conclusão da disciplina “Sociedade Civil e Estado: dimensões clássicas e contemporâneas e seus desdobramentos sociais e urbanos”, ministrada pela professora Cibele Saliba Rizek.

## INTRODUÇÃO

Embora a discussão sobre a necessidade de seu restauro seja de suma importância para sua preservação e para o estudo da obra e de sua autora, ainda mais delicadas são as relações entre a edificação e seu entorno atual, suas contradições e as demandas sociais dos diversos agentes envolvidos em sua história – comunidade, Igreja Católica, arquitetos e órgãos públicos de cultura e preservação. Se a própria preservação depende destas relações, até que ponto a busca pelo projeto original é vital para a conservação do edifício? Ainda, em face do iminente restauro - onde certos caracteres perdidos serão reconstruídos e outros serão construídos pela primeira vez – é de suma importância a discussão sobre onde se localizam as fronteiras do patrimônio histórico e artístico, suas relações internas e as relações entre o objeto e a sociedade que o produziu.<sup>1</sup>

Por ocasião de uma estada em Uberlândia – MG, em 1975, a arquiteta Lina Bo Bardi foi convidada pelo artista e amigo Edmar de Almeida junto aos Freis Egydio Parisi e Fulvio Sabia para desenvolver o projeto para construção de uma capela que atendesse à comunidade do bairro e às ordens dos Franciscanos e das Carmelitas de Pés Descalços. Relutante a princípio, tendo recusado o convite, provavelmente pelo descrédito que mantinha pelas instituições religiosas<sup>2</sup>, a arquiteta volta na sua decisão ao saber que a construção da obra se daria por meio de mutirão, formado pela comunidade do bairro Jaraguá, naquele momento, um bairro periférico de Uberlândia. Não obstante, resolve também doar o projeto.

Nos poucos escritos de Lina sobre a Igreja Espírito Santo do Cerrado, aliado a outros conhecidos sobre diversos temas, percebe-se que a possibilidade de fazer a igreja proporcionava à Lina Bo Bardi outras duas possibilidades: o estudo da técnica, aliada ao conhecimento vernacular (tema recorrente na sua carreira, sendo possível usar materiais simples e do próprio local); e a possibilidade de um “trabalho conjunto”, onde a coletividade significava a retirada da população de um estado de passividade permanente, recolocando, por meio do evento do

---

<sup>1</sup> CAPPELLO, M. B. C.; LAURENTIZ, L. C., LAZZARIN, A.L.; ALVES, H. V. S. *A Igreja Espírito Santo do Cerrado em Uberlândia: a experiência de Lina Bo Bardi em Minas Gerais* – Belo Horizonte: 1º Colóquio Ibero Americano de Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto, 2010. CD-ROM.

<sup>2</sup> Lina era atea. Um texto interessante sobre a ideia de Lina sobre a religião é *Repastos*, in: FERRAZ, M. (Org.). *Lina Bo Bardi*. São Paulo: Empresa das Artes, 1993.

mutirão, a consciência política e cultural da população. Sobre a Igreja Espírito Santo do Cerrado, nas palavras de Lina:

A igreja foi construída por crianças, mulheres, pais de família, em pleno cerrado. Construída com materiais muito pobres, coisas recebidas de presente, em esmolas. É tudo dado. Mas não no sentido paternalista, mas com astúcia, de como pode se chegar a coisas com meios muito simples.<sup>3</sup>

O que houve de mais importante, na construção da Igreja do Espírito Santo, foi a possibilidade de um **trabalho conjunto**, entre arquiteto e mão de obra. De modo algum foi um projeto elaborado num escritório de arquitetura e enviado simplesmente para a execução, pois houve um contato fecundo e permanente entre arquiteto, equipe e o povo que se encarregou de realiza-lo.<sup>4</sup> [o grifo é nosso]

Tratando a construção da Igreja Espírito Santo do Cerrado como um movimento social - uma vez ter tido como premissa a participação popular em sua construção e que está diretamente ligada a consciência coletiva do reconhecimento de uma condição de privação específica - é possível observar, no processo que vai da concepção projetual à execução do projeto, a constituição de uma identidade e visibilidade coletiva, visto o protagonismo popular, meio pelo qual se viabilizou a construção.

O protagonismo popular na construção da igreja inclui um reconhecimento do indivíduo como agente da história, tornando-se este, por meio da ação, reação e discussão, um sujeito político e coletivo, desligando-se do individualismo produzido pela era moderna. Tais temas estão diretamente ligados ao pensamento arendtiano<sup>5</sup>, onde, primeiramente, esse trabalho procurou se guiar. Os conceitos encontrados no trabalho de Hannah Arendt, em especial em “A Condição Humana”, de 1987, podem ser associados ao pensamento de Lina sobre consciência coletiva, liberdade e política, expostos em vários textos de sua própria autoria.

Sendo assim, esse trabalho objetiva expandir o campo de discussões acerca da Igreja Espírito Santo do Cerrado, para além do seu projeto arquitetônico, promovendo novas

<sup>3</sup> BARDI, Lina; ALMEIDA, Edmar de. *Igreja Espírito Santo do Cerrado – 1976/1982*. Marcelo Carvalho Ferraz (coordenação) Lisboa: Blau. 1999, 31p.

<sup>4</sup> Lina Bo Bardi in: FERRAZ, M. (Org.). *Lina Bo Bardi*. São Paulo: Empresa das Artes, 1993, p.214.

<sup>5</sup> Que diz respeito ao trabalho da filósofa Hannah Arendt.

inquietações, por meio dos temas pincelados, em campos interdisciplinares. Acredita-se que tratar a obra em um campo ampliado favorecerá o debate acerca da salvaguarda da obra, assim como todo o debate que envolve temas relacionados ao patrimônio histórico.

## **ACÇÃO, PROTAGONISMO E MOVIMENTO SOCIAL NA IGREJA ESPÍRITO SANTO DO CERRADO**

O contexto de meados da década de 1970 na cidade de Uberlândia, década em que a Igreja começou a ser construída, era o de um crescimento bastante desigual entre a área central da cidade e sua periferia, fruto de um desenfreado processo de especulação imobiliária dado, principalmente, pelo grande fluxo de migração das cidades vizinhas para Uberlândia, surgido em decorrência do próspero desempenho econômico da cidade. Nacionalmente, nesse mesmo período, o país vivia o estopim da multiplicação dos sindicatos trabalhistas e demais movimentos populares cujo foco mirava a repressão do então Regime Militar.

Tais movimentos que nascem, como diz Sader<sup>6</sup>, num momento onde há várias crises instauradas, produzem um novo sujeito, diferente daquele individualista que a era moderna produziu, um sujeito agora coletivo e com “visibilidade pública”. Esse novo padrão de expressão pública – diferente do existente no período de 1945-64 - emerge em forma de pequenos movimentos, singulares em expressão, de caráter fragmentado – no sentido de diversidade – tendo a autonomia como um grande mérito. Segundo Sader, ao transcorrerem fora do “reconhecimento estatal”, devido ao próprio descaso das instituições públicas, os novos movimentos sociais percebem a necessidade da busca de identidade enquanto sujeitos políticos, dentro de uma também nova ideia de política, mais ligada à “consciência de direitos”, uma vez já percebidas as injustiças. No confronto com as autoridades públicas, essa politização - ou “nova configuração das classes populares no cenário político”<sup>7</sup> - cria o que Sader chama de

---

<sup>6</sup> SADER, Eder (1988). *Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-1980*. 4.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

<sup>7</sup> *Ibidem*

“novos padrões de ação coletiva que nos permitem falar da emergência de novos sujeitos políticos”<sup>8</sup>.

Os movimentos sociais tiveram de construir suas identidades enquanto sujeitos políticos precisamente porque elas eram ignoradas nos cenários públicos instituídos. Por isso mesmo o tema da autonomia esteve tão presente em seus discursos. E por isso também a diversidade foi afirmada como manifestação de uma identidade singular e não como sinal de uma carência.<sup>9</sup>

Essa dimensão política, coletiva, da participação popular no meio público de Sader, encontra em Arendt<sup>10</sup> um pensamento equivalente e complementador. O trabalho de Hannah Arendt, “A Condição Humana”, 1987 - junto a outros trabalhos em que recorrem os mesmos princípios dos seus questionamentos - finca as bases de sua pesquisa na compreensão do surto totalitário, dentro de uma desconfiança da não-política, a qual permeava o mundo contemporâneo. Causada por um desfalecimento da tradição - que vem da antiguidade grega para Arendt - onde perdeu-se o sentido de “ação” política, a irrupção do surto totalitário revelou a incapacidade da população moderna de reagir e questionar, fazendo com que surgissem novas formas de governo, cuja perversidade eram inimagináveis.<sup>11</sup> Citando outro autor, para Lafer, a reflexão de Hannah Arendt “elide o impasse do pensamento contemporâneo, retomando uma linha de tradição que [...] readquire um sentido que ficara ofuscado enquanto perdurou uma aspiração de totalidade sistemática”.<sup>12</sup>

No capítulo dois de “A Condição Humana”, Arendt discorre da distinção de duas esferas, a esfera pública e a esfera privada, a fim de mostrar como a dissolução dessa distinção, ou melhor, a fusão dessas duas esferas na era moderna, promoveu o que ela chama de “nova dimensão social”, a qual Paoli descreve bem como “uma transformação da estrutura de relações

<sup>8</sup> Ibidem, p. 199.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 199.

<sup>10</sup> ARENDT, H. *A condição humana*. Capítulo 2. As esferas pública e privada. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

<sup>11</sup> Alemã, de origem judaica, Hannah Arendt constrói sua obra a fim de entender a ascensão do regime nazista.

<sup>12</sup> LAFER, Celso. *Da dignidade da política: Hannah Arendt*. In: ARENDT, Hannah. Entre o passado e o futuro. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

de classes distintas que se apresenta agora como sociedade massificada, se funda autonomamente contra a experiência da liberdade de ação e discordância”.<sup>13</sup>

Partindo da experiência da polis grega para a constituição das duas esferas delimitadamente separadas, Arendt descreve a esfera pública como aquela distante da vida privada, da família e do reservado, e que somente se manifestava no espaço público - meio comum e entre pares - através da ação e do discurso, onde era revelado ao homem o seu *bio politikos*. Nesse sentido, a esfera privada aparece vinculada a um sentido de condição de privação de ação, pois para Arendt “somente a ação é prerrogativa exclusiva do homem”<sup>14</sup> e “só a ação depende inteiramente da constante presença de outros”<sup>15</sup>. Da esfera privada decorria a necessidade, era a necessidade que reinava sobre todas as atividades exercidas no lar. A esfera pública, que era o espaço da política na polis grega, possibilitou a passagem da “necessidade” (esfera privada) – “onde a força compulsiva era a própria vida”<sup>16</sup> – para a “liberdade” (esfera pública) que só era possível no espaço público, pela força da capacidade de decisão e reflexão exercida deliberadamente em meio coletivo. Para Arendt, “a vitória sobre as necessidades da vida em família constituía a condição natural para a liberdade na polis”.<sup>17</sup>

O surgimento da cidade-estado significava que o homem recebera, além de sua vida privada, uma espécie de segunda vida, o seu *bios politikos*. Agora cada cidadão pertence a duas ordens de existência; e há uma grande diferença em sua vida entre aquilo que lhe é próprio (*idion*) e o que é comum (*koinon*). Não se tratava de mera opinião ou teoria de Aristóteles, mas de simples fato histórico: precedera a fundação da polis a destruição de todas as unidades organizadas à base do parentesco [...].<sup>18</sup>

A nova dimensão social de Arendt, originada do desaparecimento do abismo que afastava essas duas esferas, exclui a possibilidade de ação e reação uma vez que está regida por uma massa de indivíduos expressa como “uma enorme família dotada apenas de uma opinião e

<sup>13</sup> PAOLI, M. Célia. O mundo do Indistinto. In: Oliveira, F. e Rizek, C. *A Era da Indeterminação*. Boitempo Ed. São Paulo, 2006.

<sup>14</sup> ARENDT, H. *A condição humana*. Capítulo 2. As esferas pública e privada. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 33.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 33.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 33.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 33.

de um único interesse”<sup>19</sup>. A sociedade de massas, para Arendt, é o ápice dessa nova esfera do “social” que quanto maior, menos política é e mais propicia o “comportamento”, afastando a população da visibilidade pública e política atingida na antiguidade grega.

No sentido de Sader e Arendt, o mutirão realizado na Igreja Espírito Santo do Cerrado pode ser visto como o movimento originado pela capacidade daquela comunidade do bairro Jaraguá de reconhecimento de uma necessidade coletiva suprimida – mesmo que simbólica – que não seria ressarcida pelo olho cego das autoridades, mas que encontrou, em uma ação em conjunto, a visibilidade pública que havia perdido. Essa visibilidade reconstruía por meio do mutirão, a “palavra”, a discussão materializada em uma ação que só podia ser construída no espaço público, tornando cada membro da mobilização um novo ser político, questionador e atento às questões sociais. Dessa forma, fazendo um paralelo com o pensamento arendtiano, que os participantes do mutirão, moradores do bairro periférico de Uberlândia da década de 1970, passam de simples comunidade - massa - para “sociedade civil”, com toda carga política que embebe essa palavra em Hannah Arendt. Não é mais um comportamento de atividades repetitivas e infrutíferas que estamos falando, mas da “ação” expressa pela palavra, sujeita a julgamento e que busca a persuasão, do reconhecimento do eu e do outro, do entender e ser entendido, que possibilitou novos começos por meio de constantes decisões tomadas em conjunto, entre moradores, crianças, mulheres - de moralidade questionada ou não pela Igreja - padre e arquiteto. Aliado a dinâmica que fez do morador sujeito histórico, percebido, coletivo e político, o mutirão enquanto movimento social na Igreja Espírito Santo do Cerrado, ainda reitera um conjunto de atitudes que fez do morador defensor daquele local, pois enquanto se defende o bairro em que mora, o morador se identifica com a história do seu tempo e do espaço em que ocupa, se reconhece como ator importante, pesa sobre si o valor de estar com o outro, descobrindo a força da ação em que protagoniza em coletivo, ao reivindicar com o próximo as mesmas necessidades.

Somado ao protagonismo discutido através de Hannah Arendt, outro tema que podemos tomar tempo é o da gestão. Dar espaço ao tema da gestão nesse trabalho vem de

---

<sup>19</sup> Ibidem, p. 33.

encontro ao mérito que Sader<sup>20</sup> dá à característica da “autonomia” nos movimentos sociais da década de 1970 e 80, a qual permeia todo processo em que se deu o mutirão para a construção da Igreja Espírito Santo do Cerrado, longe dos dedos do poder público. Paoli<sup>21</sup> vai mostrar uma grande alteração no sentido da palavra “autogestão” quando esta se torna uma forma de dominação e repressão do Estado. Em seu texto “O Mundo do Indistinto: sobre gestão, violência e política”, de 2006, discorre de como os movimentos sociais e seu protagonismo foi substituído por um tipo de gestão governamental, estampada falsamente de “auto-gestão”, calcada na técnica<sup>22</sup> como mediação aos interesses privados, fazendo com que a população perdesse a capacidade de discussão e reflexão em troca de uma parceria “eficiente” com o Estado. A discussão de Paoli está diretamente ligada ao pensamento de Hannah Arendt onde a aspiração por “funcionalidade” toma lugar da “ação” e da reflexão, anulando o teor político da atuação popular na esfera pública, a “liberdade de agir e criar” substituída pela “noção de gestão eficiente”. Para exemplificar essa falsa “autogestão”, agora extremamente hierarquizada, Paoli fala dos mutirões de habitação “autogeridos” de São Paulo e a “capacidade de os governos retirarem da população a possibilidade de ação organizada e política”<sup>23</sup>:

[...] esse espaço está cada vez mais ocupado pelo que chama de “forma consentida, e vista como virtuosa, de gestão da precariedade”<sup>24</sup>, induzida pelo governo da cidade e cada vez mais invadido por uma racionalidade técnica e administrativa que anula as formas autônomas de agir dos mutirantes, em todos seus aspectos. Assessorias, escritórios técnicos de arquitetura e ong’s comandam, em cada caso, desde a administração de recursos e finanças até a competência política da representação dos movimentos. É impossível não pensar que esta ingerência aponta para uma novidade que se anuncia politicamente em contato com o mais velho modo de **destituir a capacidade política e social da população**, pondo a invenção técnica como meio de

---

<sup>20</sup> SADER, Eder (1988). *Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-1980*. 4.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

<sup>21</sup> PAOLI, M. Célia. O mundo do Indistinto. In: OLIVEIRA, F; RIZEK, C. A. Era da Indeterminação. Boitempo Ed. São Paulo, 2006.

<sup>22</sup> A “técnica” da qual Paoli (2006) aborda é a da racionalização tecnológica que substituiu a própria razão interior do homem na era moderna. A confiança naquilo que é científico trouxe a possibilidade de “coodenação e organização” do homem individual moderno, agora regido pela máquina.

<sup>23</sup> PAOLI, M. Célia. O mundo do Indistinto. In: OLIVEIRA, F; RIZEK, C. A. Era da Indeterminação. Boitempo Ed. São Paulo, 2006.

<sup>24</sup> Paoli está aqui citando o trabalho: RIZEK, Cibeli. “Os sentidos da cidade na sociologia brasileira”. Relatório parcial do subprojeto 8 da pesquisa *Cidadania e Democracia: O pensamento nas rupturas da política*. São Paulo, Fapesp, 2002.

“substituir movimentos sociais pelas assessorias, quando não em roubo da fala dos movimentos e associações pelos técnicos que, reunidos em ong’s, se constituem em mediações de atores tanto nesta nova face da política de habitação quanto destes novos modos de gestão, produção e intervenção indireta do Estado no território da cidade”<sup>25</sup>. [o grifo é nosso]

Longe da atuação do governo da cidade de Uberlândia ou qualquer outro, a construção da Igreja Espírito Santo do Cerrado teve o mérito da autonomia preservado. No entanto não podemos desconsiderar a atuação direta do mutirão que ergueu o edifício com a instituição religiosa com a qual estava vinculada, das ordens dos Franciscanos e das Carmelitas de Pés Descalços. Aqui, antes de adentrar na discussão desse tipo de participação ativa da Igreja nos movimentos sociais, cabe bem utilizar as palavras de Oliveira, “Igreja é povo que se organiza”<sup>26</sup>, reiterada nas palavras de Leonardo Boff:

A Igreja, com sua opção preferencial pelos pobres, contra a pobreza, pretende ser uma aliada poderosa da causa dos oprimidos. Nesta perspectiva, não significa apenas aquele que não tem, mas aquele que também tem, que constitui o agente principal ao lado de outros na construção de uma convivência mais geradora de vida e de felicidade coletiva.<sup>27</sup>

Em seu trabalho, Oliveira<sup>28</sup> mostra como as Ceb’s (Comunidades Eclesiais de Base) se configuraram como uma alternativa para os movimentos sociais das décadas de 1970 e 1980 se organizarem e se mobilizarem uma vez que a instituição religiosa era e é a única que, “por sua índole histórica, escapa ao controle direto dos poderes públicos”<sup>29</sup>, conservando a característica

<sup>25</sup> PAOLI, M. Célia. O mundo do Indistinto. In: OLIVEIRA, F; RIZEK, C. A. Era da Indeterminação. Boitempo Ed. São Paulo, 2006.

<sup>26</sup> OLIVEIRA, Vera Aparecida de. *Memórias de Mulheres dos movimentos sociais da zona leste de São Paulo: histórias de resistência. 2007*. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, março de 2007. Capes.

<sup>27</sup> BOFF, Leonardo. *E a Igreja se fez povo. ECLIOGÊNESE: a Igreja que nasce da fé do povo*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1986.

<sup>28</sup> OLIVEIRA, Vera Aparecida de. *Memórias de Mulheres dos movimentos sociais da zona leste de São Paulo: histórias de resistência. 2007*. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, março de 2007. Capes.

<sup>29</sup> BETTO, 1985. In: OLIVEIRA, Vera Aparecida de. *Memórias de Mulheres dos movimentos sociais da zona leste de São Paulo: histórias de resistência. 2007*. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, março de 2007. Capes.

de autonomia desses movimentos e encontrando um forte aliado na luta popular. Oliveira destaca que “é difícil citar um movimento sem vínculo com a Igreja Católica nas décadas de 1970 e 80”<sup>30</sup>, mostrando que as proporções alcançadas desses movimentos estão diretamente ligadas à essa junção.

Teria sido essa forma da igreja se aliar aos movimentos políticos, junto, é claro, às possibilidades arquitetônicas, que Lina Bo Bardi teria voltado atrás na sua recusa quando convidada para fazer o projeto para a Igreja Espírito Santo do Cerrado? A resposta tende a ser afirmativa, quando Lina demonstra seu pensamento em relação à religião e a passividade, no sentido do conformismo, que ela repugnava na população de fé, como por exemplo no artigo Repassos, sobre a Exposição Documento, de 1975:

Nos períodos difíceis da história de um país quando as estruturas se desfazem, o misticismo é o último recurso que tira o homem da passividade. [...] O desejo de ‘fazer’, de por a criatividade a serviço de alguém, a procura de uma saída para uma situação humana mais digna, acham no misticismo uma solução provisória.<sup>31</sup>

Curioso ainda é pensar na grande amizade que se estendeu entre Lina e Frei Egidio Parisi, quem a arquiteta homenageou nomeando uma cadeira de sua autoria alguns anos mais tarde. Pode-se compreender que esta amizade foi estabelecida por meio do constante diálogo em que se deu o processo de construção da igreja mas, sobretudo, pela conhecida característica de “crítico contundente” e participante ativo diante de questões políticas, como descrevem moradores da cidade:

Frei Egidio, que conheci em Uberlândia, era cidadão do mundo. Disse-me que foi capelão do Exército Italiano na II Guerra Mundial. Era severo crítico de políticos locais. Dava-lhes balinhas-doces para que deixassem “a amargura de lado”. Frei Egidio foi um “uberlandino” participante dos principais

---

<sup>30</sup> OLIVEIRA, Vera Aparecida de. *Memórias de Mulheres dos movimentos sociais da zona leste de São Paulo: histórias de resistência*. 2007. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, março de 2007. Capes.

<sup>31</sup> FERRAZ, M. (Org.). *Lina Bo Bardi*. São Paulo: Empresa das Artes, 1993, p. 200.

acontecimentos na cidade, crítico contundente e amigo de gente muito poderosa.<sup>32</sup>

Ainda, o conceito de “liberdade” em Hannah Arendt - que só poderia ser exercida na esfera pública, uma vez que a esfera privada está diretamente ligada a “privação” – aproxima-se do trabalho de Lina Bo Bardi, que em seus textos, descreve a liberdade como a possibilidade do trabalho em conjunto. Aqui, como artista, ela se esvazia do individualismo criativo em prol de uma criação em conjunto, coletiva, arquiteto e mão de obra. O sentido de liberdade denota em Lina a estreita relação de seu trabalho no campo político-social, e para Arendt, a liberdade só pode ser construída no meio público, do que é para ela a esfera pública, da ação e da palavra. Sobre seu trabalho no nordeste, em específico, o Solar do Unhão, em Salvador, de 1959:

Importante na minha vida foi minha viagem ao Nordeste e o trabalho que eu desenvolvi em todo o Polígono da Seca. **Aí eu vi a liberdade.** A não importância da beleza, da proporção, dessas coisas, mas a de um outro sentido profundo, que eu aprendi com a arquitetura, **especialmente as arquiteturas dos fortes, ou primitivas, populares,** em todo Nordeste do Brasil.<sup>33</sup> [o grifo é nosso]

**O discurso era outro. Era um discurso sócio-político,** ligado diretamente à economia e à história não só na Bahia, mas no Nordeste todo, e que não pode ser abolido. Em Pernambuco, no **Triângulo Mineiro**, no Ceará, no Polígono da Seca, se encontrava um fermento, uma violência, uma coisa cultural no sentido histórico verdadeiro de um País, que era o conhecer de sua própria personalidade.<sup>34</sup> [o grifo é nosso]

## REFERÊNCIAS

ARENDRT, H. *A condição humana*. Capítulo 2. As esferas pública e privada. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

\_\_\_\_\_. *De Hegel a Marx*. In: ARENDRT, Hannah. *A Promessa da Política*. Difel, Rio de Janeiro, 2010

<sup>32</sup> JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA. *Os Franciscanos do Brasil*. Disponível em [http://www2.correioUberlandia.com.br/coluna/2009/08/OPINIAO/36/2/ivan\\_santos.html?tp=assinar](http://www2.correioUberlandia.com.br/coluna/2009/08/OPINIAO/36/2/ivan_santos.html?tp=assinar). Acesso em Julho de 2011.

<sup>33</sup> FERRAZ, M. (Org.). *Lina Bo Bardi*. São Paulo: Empresa das Artes, 1993, p. 153.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 153.

BARDI, Lina & ALMEIDA, Edmar de. *Igreja Espírito Santo do Cerrado – 1976/1982*. Marcelo Carvalho Ferraz (coordenação) Lisboa: Blau. 1999, 31 p.

BARDI, Lina B. e FERRAZ, M (coordenação editorial). *Lina Bo Bardi*. São Paulo: Inst. Lina Bo e P. M. Bardi. 1993.

CAPPELLO, M. B. C.; LAURENTIZ, L. C., LAZZARIN, A.L.; ALVES, H. V. S. *A Igreja Espírito Santo do Cerrado em Uberlândia: a experiência de Lina Bo Bardi em Minas Gerais – Belo Horizonte: 1º Colóquio Ibero Americano de Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto*, 2010. CD-ROM.

CHIOCA, Cíntia. *Ficha de inventário do acervo cultural – Igreja Espírito Santo do Cerrado*. Secretaria de Cultura, Prefeitura Municipal de Uberlândia. 2002.

FERRAZ, M. (Org.). *Lina Bo Bardi*. São Paulo: Empresa das Artes, 1993.

*IGREJA Espírito Santo do Cerrado*. Disponível em:

<[http://www.uberlandia.mg.gov.br/cidade\\_patrimonio.php?id=629](http://www.uberlandia.mg.gov.br/cidade_patrimonio.php?id=629)>. Acesso em jun. 2011.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS – IEPHA/MG. *Sobre Cultura e Patrimônio Cultural*. Disponível em:

<<http://www.iepha.mg.gov.br/sobre-cultura-e-patrimonio-cultural>>. Acesso em jun. 2011.

JORNAL CORREIO DE UBERLÂNDIA. *Os Franciscanos do Brasil*. Disponível em

[http://www2.correiodeuberlandia.com.br/coluna/2009/08/OPINIAO/36/2/ivan\\_santos.html?tp=assinar](http://www2.correiodeuberlandia.com.br/coluna/2009/08/OPINIAO/36/2/ivan_santos.html?tp=assinar). Acesso em Julho de 2011.

LAFER, Celso. *Da dignidade da política*: Hannah Arendt. In: ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

LAURENTIZ, L. (1993). *Olhando as arquiteturas do cerrado*. In: Projeto n.º 163, São Paulo, maio, pp. 75-91.

LAZZARIN, A. L. DOCOMOMO: *Ficha de inventário da Igreja Espírito Santo do Cerrado*.

Abril de 2008. Disponível em:

<[http://www.faurb.ufu.br/doc\\_moderno/html/cidades/UBERLANDIA/Ig\\_espírito\\_Santo.htm](http://www.faurb.ufu.br/doc_moderno/html/cidades/UBERLANDIA/Ig_espírito_Santo.htm)

>. Acesso em jun. 2011.

PAOLI, M. Célia. *O mundo do Indistinto*. In Oliveira, F. e Rizek, C. A Era da Indeterminação. Boitempo Ed. São Paulo, 2006.

PEREIRA, J. A. *A ação cultural de Lina Bo Bardi na Bahia e no Nordeste [1958-1964]*.

Uberlândia: EDUFU, 2007.

SADER, Eder. (1988) *Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo 1970-1980*. 4.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

OLIVEIRA, Vera Aparecida de. *Memórias de Mulheres dos movimentos sociais da zona leste de São Paulo: histórias de resistência*. 2007. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, março de 2007. Capes.